

Shakespeare Revisited: Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)

Autor: Carlos Bento

Certamente há diversas maneiras de se ler os clássicos da literatura. Comumente, os críticos e os leitores considerados como mais informados ou endossam as idéias difundidas no texto, contribuindo para a consagração da obra e do escritor, ou criticam tais idéias, rechaçando-as, ou utilizam aquelas mesmas idéias em conexão com contextos diversos, a fim de corroborar opiniões próprias que, assim, têm o privilégio de receber a bênção de um nome célebre para sua legitimação. Independente da postura ou do objetivo de quem se dispõe a ler e a publicar suas impressões da leitura, o fato é que clássicos só se tornam dignos deste título porque são capazes, lembrando Barthes, de gerar constantes publicações a seu respeito. Bom exemplo disso é a obra de Shakespeare, que faz com que as bibliotecas precisem, de tempos em tempos, acrescentar novas estantes à seção dedicada à sua obra, a fim de comportar os novos volumes que se debruçam sobre a biografia e os livros deste ícone máximo do cânone inglês.

Mas, claro, os clássicos não são perfeitos. E ainda que o sejam de algum ponto de vista, como o estético, é fato que estão ligados à forma de pensar daquele autor ou autora, e certamente encontram-se imbricados com o contexto que cerca sua produção. Por isso, são tomados para uma leitura ainda mais aguda e subversiva: a reescrita ou a escrita revisionista. Esse tipo de produção busca estabelecer um diálogo com o texto original, discutindo as mais diversas questões, como as relações de gênero, por exemplo. Shakespeare, novamente, é um caso exemplar. Na introdução ao

livro *Transforming Shakespeare*, Marianne Novy (NOVY, 1999: 01) afirma que “o final do século XX assistiu uma explosão de literatura em que mulheres reescrevem Shakespeare”. Essas mulheres buscam, por meio da reescrita, revisar as posições afirmadas pelo texto original a respeito do gênero. Trata-se de um trabalho cuidadoso, que pode ser visto como um colocar-se no lugar hipotético, imaginado por Virgínia Woolf, de irmã de Shakespeare. Nesse caso, não uma irmã que, possuindo o gênio do autor, fosse capaz de legar ao mundo uma obra tão vultosa quanto a dele, mas alguém que possa tomar tais tramas para si e atualizá-las, rejeitando as idéias que não são mais adequadas. Nesse sentido, é como se houvesse um reconhecimento de que, se não foi possível escrever como Shakespeare, sempre é possível reescrever e dialogar com o que ele escreveu. E isso as mulheres têm feito e muito bem. Dentre essas muitas revisões é que *Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)*, da canadense Ann-Marie MacDonald, encontra seu lugar.

No caso de MacDonald, o lugar de irmã de Shakespeare parece ainda mais singular, uma vez que ela escreve em um país que tem uma literatura projetada internacionalmente graças a suas mulheres escritoras. Afinal, não há como negar que, apesar dos inúmeros escritores homens, nenhum deles consegue atrair tanto os leitores quanto a crítica, no próprio Canadá e internacionalmente, como Margaret Laurence ou Margaret Atwood, para citar apenas dois exemplos. Trata-se, além disso, de um país que teve seu primeiro romance em língua inglesa – *The History of Emily Montague*, de 1769 - escrito por uma mulher, Frances Brooke.

De acordo com o livro *The Cambridge Companion to Canadian Literature*, “atualmente, Margaret Atwood, Alice Munro, e Carol Shields, que começaram a publicar nas décadas de 1960 e 1970, são sinônimos da literatura canadense internacionalmente” (KRÖLLER, 2004: 194). Um pouco à frente o livro lembra que

“estas mulheres modernas são as herdeiras de uma longa tradição de escrita de mulheres no Canadá” (KRÖLLER, 2004: 195). Com certeza, é inegável que a importância das escritoras na literatura canadense é mais visível que em muitas literaturas nacionais, como é o caso da literatura brasileira. Convém perceber que o que faz a diferença na literatura canadense é também a regularidade da escrita de mulheres, pois elas assumem papel importante durante toda a história literária do país. A cada geração, surgem novas mulheres que continuam o trabalho, mantendo a linhagem e contribuindo para o fortalecimento de uma tradição literária que ganha cada vez mais espaço no mundo todo. Ann-Marie MacDonald é parte da mais nova geração.

Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet) é protagonizado por Constance Ledbelly, uma professora assistente na Queen’s University, em Kingston, Ontário. Ela também serve como *Ghost-Writer* para o professor Claude Night. Constance tenta, há muito, terminar sua tese de doutorado, buscando provar que Shakespeare teria composto as obras *Othello* e *Romeu e Julieta* a partir de outros textos, originalmente comédias. Para ela, o que Shakespeare teria feito é eliminar um personagem, “the fool”, permitindo o desencadeamento dos episódios trágicos. Sua aposta é de que sua tese poderia ser provada por meio do deciframento de um velho manuscrito, chamado de *Gustav Manuscript*, um documento sem credibilidade acadêmica. Na véspera de seu aniversário, Constance está em seu gabinete na universidade, tentando encontrar argumentos para sua tese, quando entra o professor Claude Night, anunciando que assumiria um cargo na universidade de Oxford. Uma má-notícia para Constance, que esperava ser indicada para o cargo. Além disso, ele anuncia que se unirá a uma aluna. Outra má-notícia, uma vez que Constance acreditava amá-lo, encontrando no amor a justificativa para se submeter ao trabalho

de ghost-writer. Claude, antes de sair, recolhe os últimos artigos escritos por Constance e faz algumas considerações negativas sobre a sua tentativa de tese, afirmando que se ela continuasse com a idéia sobre o manuscrito, jamais conseguiria terminar o doutorado (MACDONALD, 1998: 16). Com tantas más-notícias, tão logo Claude Night se retira, Constance, furiosa, decide se demitir da universidade. Então, ela é sugada através da lixeira e cai dentro da peça *Otelo*. Começa, assim, uma estranha viagem que, além da Cyprus de Othelo, passa pela Verona de Romeu e de Julieta. Nas duas peças, Constance interfere, impedindo os finais trágicos. Sua presença, óbvio, causa muita confusão. Ela revela o plano de Iago, pegando o lenço de seu bolso e o entregando a Otelo. Torna-se amiga de Desdemona e conselheira de seu marido. No entanto, Iago, desacreditado, vinga-se dela invertendo sua trajetória na peça de Shakespeare. Ele passa a influenciar Desdemona, convencendo-a de que Constance estaria tendo um caso com Otelo. Desdemona fica furiosa e tenta matar Constance, que é novamente levada a viajar, caindo em Verona, exatamente na cena em que Tybalt e Mercutio duelam. Ela conta sobre o casamento de Romeu com Julieta, evitando que a tragédia seja desencadeada. Acontece que em Verona ela é vista como sendo um homem. E tanto Romeu quanto Julieta ficam perdidamente apaixonados por ela. Como ela recusa os dois, a confusão se torna cada vez maior. Romeu se convence de que Constance, que em Verona é chamada de Constantine, prefere Julieta, porque é homem e heterossexual. Julieta, no entanto, acredita que Constantine se interessa por Romeu, porque é homossexual. Assim, tanto um quanto o outro decidem mudar suas identidades sexuais, a fim de conquistar o estrangeiro. Romeu veste as roupas de Julieta, que veste as roupas de seu antigo namorado. Acontece que Desdemona também é transportada para Verona, e continua sua tentativa de matar Constance. Desdemona tenta sufocá-la com um travesseiro - da mesma forma como ela própria é

morta por Otelo na peça de Shakespeare - na cama de Julieta. Então, elas percebem uma coincidência: as três fazem aniversário no mesmo dia. Constance percebe então que ela própria é o elemento que transforma as peças de Shakespeare de tragédia em comédia, se tornando a nova autora, da peça que o público termina de assistir naquele momento.

Essas interferências de Constance nas tramas de Shakespeare acabam por salvar Desdemona e Julieta de seus destinos trágicos originais, mas também salvam a própria Constance, que se descobre mais forte e segura do que imaginava, e percebe o quanto era explorada e desvalorizada na academia. O texto tornou-se um grande sucesso, recebeu vários prêmios, foi montado repetidas vezes, e vendeu várias edições de sua versão impressa. Foi também aclamado no meio acadêmico. A esse respeito, Novy afirma, a partir do fato de que em 1997 a peça contava já com oito reimpressões, que “uma das razões para suas oito impressões é que ela pode ser usada como um texto em um curso sobre Mulheres e Shakespeare, ou Reescrituras de Shakespeare, e muitos alunos irão apreciá-la enquanto poucos, se algum, reclamará de seu riso subversivo” (NOVY, 1999: 81). Essa versatilidade contida no texto, permitindo que ele seja utilizado para diversas discussões, bem como o tom bem-humorado ao mesmo tempo que sério, são características realmente louváveis na obra. No entanto, há críticos que acreditam que o seu sucesso se deve principalmente ao sucesso de Shakespeare. Como o texto lida com duas das obras mais populares do autor, o sucesso ocorreria como uma espécie de efeito secundário, uma vez que funcionaria como um olhar diferente sobre o texto Shakespeareano. Assim, MacDonald seria beneficiária do sucesso, da popularidade e da credibilidade dos textos usados como fonte para sua peça. Talvez essa tendência, de considerar que o sucesso da peça se deve mais a Shakespeare do que à peça mesma, seja uma sugestão

de que uma eventual irmã do bardo só seria capaz de alcançar fama e respeito graças à relação de parentesco com ele.

Claro que não é apenas a boa aceitação do livro na academia que explica o seu sucesso. Nem apenas o fato de que a trama se assenta sobre o sólido terreno da obra de Shakespeare, o que garante que o público, especialmente em países anglófonos, seja capaz de reconhecer e compreender parte do seu conteúdo. O fato é que MacDonald constrói, atuada com as técnicas pós-modernas de composição textual, uma trama com várias camadas. Assim, a peça serve como uma bem-humorada brincadeira com a literatura, uma vez que coloca personagens familiares em situações inusitadas; serve também como uma discussão sobre gênero, especialmente a respeito da situação da mulher nas sociedades ocidentais; serve como uma produção que ressalta, de maneiras diversas, aspectos da cultura canadense. Afinal, é uma canadense que dá o seu toque nesses clássicos. E ela o faz a partir do seu país. Em uma entrevista Ann-Marie MacDonald afirma, sobre o Canadá: “sempre fui apaixonada por este lugar e por ver o mundo todo a partir daqui. Eu o acho um lugar muito humano para se estar posicionado” (GALLAGHER; BOOTH, 2003: 263). Essa paixão pelo Canadá fica clara em toda a sua obra. Em *Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)*, o Canadá é tematizado por meio de vários símbolos, como o fato de sua protagonista trabalhar na Queen’s University e começar bebendo uma cerveja da marca *Coors*. A representação do país se faz por meio de marcas de produtos, tipos de roupas e comportamentos, mas também por meio de um pensamento sobre o gênero que é bem próprio de uma sociedade que luta para garantir igualdade de direitos a todos.

Por causa da necessidade de se buscar a garantia de direitos para todos, escrever uma peça que pudesse revisar os textos shakespereanos não poderia ser apenas evitar

a morte das “heroínas”. MacDonald evita as mortes, concede um volume de falas femininas muito maior do que as falas masculinas e maior do que o existente nos textos originais. E ainda cria desdobramentos jamais imagináveis a partir da obra do dramaturgo inglês. Afinal, nem a Desdemona nem a Julieta de MacDonald podem ser vistas como reprodução das personagens de Shakespeare. Elas mantêm alguns traços iguais, como o local e os homens a quem amam, garantindo o seu reconhecimento, mas são mulheres muito diferentes, ativas, emancipadas. E a peça cumpre ainda o papel de revisar o olhar que tradicionalmente se lançou sobre o trabalho de Shakespeare, com suas posições a respeito do gênero.

Assim, MacDonald coloca o Canadá, por meio da sua literatura, em uma posição privilegiada na sociedade contemporânea. Afinal, é a partir dele que a autora sugere a viagem de emancipação da mulher, da busca da igualdade de gênero, empreendida por Constance. E para fazer isso, ousa se apropriar e modificar um dos pilares da cultura anglófona. Revisando Shakespeare, MacDonald cria uma obra que vem desencadeando uma série de leituras como esta, que ao se acumularem podem dar a ela própria, o lugar no panteão dos clássicos.

Referências Bibliográficas:

GALLAGHER, Kathleen; BOOTH, David (eds.). *How Theatre Educates: Convergences and Counterpoints with Artists, Scholars, and Advocates*. Toronto: University of Toronto Press, 2003.

KRÖLLER, Eva-Marie (ed.). *The Cambridge Companion to Canadian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MACDONALD, Ann-Marie. *Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)*. Toronto: Vintage Canada, 1998.

NOVY, Marianne (ed.). *Transforming Shakespeare: Contemporary women's Re-Visions in Literature and Performance*. Nova York: St. Martin's Press, 1999.